

Jaqueline Carvalho Quadrado (Org.)

(DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA:

CIÊNCIA, DEMOCRACIA E RESISTÊNCIA



Atena
Editora
Ano 2022

Jaqueline Carvalho Quadrado (Org.)

(DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA:

CIÊNCIA, DEMOCRACIA E RESISTÊNCIA



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

(Des)fazendo saberes na fronteira: ciência, democracia e resistência

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Jaqueline Carvalho Quadrado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
D453	<p>(Des)fazendo saberes na fronteira: ciência, democracia e resistência / Organizadora Jaqueline Carvalho Quadrado. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0840-6 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.406221412</p> <p>1. Ciências. 2. Democracia. 3. Resistência. I. Quadrado, Jaqueline Carvalho (Organizadora). II. Título. CDD 500</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

À Sombra desta Mangueira
Escolhi a sombra desta arvore para repousar
do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem sempre espera na pura espera
Vive um tempo de espera vã
Por isto, enquanto te espero
Trabalharei os campos e,
Conversarei com os homens
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
Minhas mãos ficarão calejadas;
Meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos;
Meus ouvidos ouvirão mais,
Meus olhos verão o que antes não viam,
Enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
Porque o meu tempo de esperar é um
Tempo de que fazer
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me:
Em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso, esperar na forma em que esperas
Porque esses recusam a alegria da tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me
Com palavras fáceis, que já chegastes
Porque esses, ao anunciar-te ingenuamente
Antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
Como jardineiro prepara o jardim
Para a rosa que se abrirá na primavera.

A história de um evento acadêmico é sempre longa. Em seu enredo mesclam-se interesses intelectuais, condições materiais e políticas. O IV Seminário (Des)Fazendo Saberes na Fronteira tem origem em 2016, com a preocupação de um grupo de estudantes e professoras do Projeto de Extensão Mulheres Sem Fronteiras, em torno de um fenômeno que provocava então – e segue provocando – grande debate público: os direitos das mulheres e dos LGBTQIAP+. De lá para cá, o Seminário foi ampliando seus temas, o que tem nos permitido dialogar com diversas áreas do conhecimento. Desde a edição de 2018, temos conseguido auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), mediante edital público, o que tem permitido publicar uma coletânea de textos, após o encerramento do Seminário.

Os artigos aqui apresentados, por professores/as, mestrandos/as, graduandos/as e profissionais, os/as quais subsidiaram as discussões que vêm sendo debatidas no Seminário, historicamente comprometido com a divulgação científica, nos marcos dos seus oito anos de existência. O evento foi realizado na Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, RS, Brasil, nos dias 27, 28 e 29 de julho de 2022, na modalidade *on line*.







Os textos a seguir têm um propósito sociológico, antropológico, filosófico e político: pensar com as/os leitoras/es sobre questões de ciência, democracia e resistência presentes no cotidiano. As configurações das políticas públicas das últimas décadas têm apresentado novos desafios à reflexão nas ciências sociais e ciências humanas. Especialmente a perda relativa de importância das contradições de classe, que marcaram o último século de conquistas social-democratas, mostra-se como um desafio à reflexão crítica nas sociedades brasileira. Eis algumas questões: como podemos compreender a ciência, a democracia e as resistências nas lutas contemporâneas? Como os sujeitos tem se movimentado? Quais novos territórios de sociabilidade têm surgido e como as pessoas estão interagindo? Teríamos mais perguntas, mas o espaço é limitado. E as respostas? Sim, há possibilidades de mudanças, de rupturas com o atual sistema vigente, mas ainda não temos fórmulas mágicas. Precisamos fortalecer as lutas e resistências, e muito mais.





Agradeço em especial, a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul- FAPERGS pelo auxílio financeiro, o qual foi possível realizar o evento e publicar esta obra.

Agradeço a contribuição de cada autor/a, os/as quais contribuíram para a composição da presente coletânea.

Desejo uma excelente leitura a todas/os!

Jaqueline Carvalho Quadrado
Coordenadora do IV Seminário (Des)Fazendo Saberes na Fronteira

CAPÍTULO 1	1
VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO: AVANÇO DO CONSERVADORISMO E IMPACTOS NA DEMOCRACIA	
Camila Telles da Silva Vitória Caroline Lopes Cruz Bianca Gabriela Stroff Jaqueline Carvalho Quadrado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214121	
CAPÍTULO 2	9
PROTOCOLOS ÉTICOS EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA E ESCASSEZ: DA SOCIOLOGIA DE ULRICH BECK À FILOSOFIA DE NAOMI ZACK	
Daniel da Rosa Eslabão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214122	
CAPÍTULO 3	19
OS ATAQUES MISÓGINOS CONTRA AS MULHERES CANDIDATAS A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA NAS ELEIÇÕES DE 2022	
Jaqueline Carvalho Quadrado Mylenna Machado Barcelos Bárbara Dutra Fonseca	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214123	
CAPÍTULO 4	35
REDES SOCIAIS DIGITAIS: ANOTAÇÕES ACERCA DO RACISMO	
Otaviano da Motta Aquino Junior Jaqueline Carvalho Quadrado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214124	
CAPÍTULO 5	45
A PREFERÊNCIA PATRIMONIAL E A LUTA INCANSÁVEL PELO LEMBRAR. POR QUE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO BORJA É MOTIVO DE TANTA MOROSIDADE?	
Domingos Sávio Campos de Azevedo José Luciano Gattiboni Vasques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214125	
CAPÍTULO 6	56
MAX WEBER E A LEGITIMIDADE DO PODER: APROXIMAÇÕES ENTRE FILOSOFIA E SOCIOLOGIA	
Daniel da Rosa Eslabão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214126	

CAPÍTULO 7	66
AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS ANIMAIS EM SITUAÇÃO DE RUA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Graciane Pedó Nunes	
Carmen Regina Dorneles Nogueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214127	
CAPÍTULO 8	74
NETNOGRAFIA DAS REDES: COMO AS REDES SOCIAIS MOLDAM O COMPORTAMENTO SOCIAL E POLÍTICO	
Júlia Corrêa	
Camili Rodrigues Lyrio	
João Vitor Marques Fagundes	
Jaqueline Carvalho Quadrado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214128	
CAPÍTULO 9	91
MARTIN LUTHER KING E A ÉTICA DA NÃO-VIOLÊNCIA	
Daniel da Rosa Eslabão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4062214129	
CAPÍTULO 10.....	102
O BRASIL QUE AINDA ESCRAVIZA	
Maicon de Matos Mendes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40622141210	
SOBRE A ORGANIZADORA	125

PROTOCOLOS ÉTICOS EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA E ESCASSEZ: DA SOCIOLOGIA DE ULRICH BECK À FILOSOFIA DE NAOMI ZACK

Data de aceite: 22/11/2022

Daniel da Rosa Eslabão

Doutor em Sociologia (Universidade do Porto, Portugal). Doutorando em Filosofia (UFPEL). Bolsista CAPES. E-mail: sociologiabrasil@yahoo.com

recursos escassos.

PALAVRAS-CHAVE: Gerenciamento de Emergência; Risco; Desastre; Ética Aplicada; Pandemia.

INTRODUÇÃO

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade estabelecer um diálogo interdisciplinar acerca dos temas do risco e da escassez em situações de desastre. Secundariamente, estudaremos com base em obra filosófica abaixo referida, a necessidade e parâmetros para o estabelecimento de protocolos éticos em tais situações. Teremos como autores de referência os pensadores contemporâneos Ulrich Beck (*Sociologia do Risco*) e Naomi Zack (*Ethics for disaster*). Sendo o primeiro, um sociólogo alemão e a segunda, filósofa norte-americana, buscaremos comparar os conceitos de risco em ambos, bem como apontar a transposição de conceitos na perspectiva dos autores. Percebemos que a abordagem de Beck se aplica ao campo do risco ambiental enquanto o olhar de Zack é ampliado para situações de imprevisibilidade, diante das quais se exige pensar protocolos éticos justos na gestão e distribuição de

O presente momento pandêmico mundial têm sido um momento histórico excepcional para as razões atuais. Ao menos, desde a gripe espanhola que assolou o mundo no início do século XX, nada igual houve de ocorrer. Mal comparando, o vírus HIV, cujas características são de outra magnitude, pois seus efeitos tendem a manifestar-se no médio e longo prazo. Ao contrário, o presente cenário epidemiológico global teve em seus períodos de maior expressão, durante as ondas que de modo assíncrono atingiram diferentes países e continentes, com seus picos mortais, causaram um número elevado de mortes em períodos curtos, desde a contaminação dos indivíduos. Os Estados Unidos, já ultrapassaram o primeiro milhão de mortes.

Enquanto o Brasil, em 2022, caminha para números que, hoje, se aproximam de setecentos mil óbitos. Tal evento, inesperado pôs em xeque os sistemas de saúde no mundo todo. Trouxe ainda desafios no campo das relações éticas e da prioridade de atendimentos as vítimas, uma vez que os recursos disponíveis desde vacinas a medicamentos ou vagas em enfermarias e Unidades de Tratamento Intensivos, não estavam preparados para o rompante de emergências que foram verificadas. Embora o fenômeno dos desastres de cunho natural, tenham chamado o interesse da filosofia desde o grande terremoto de Lisboa, em 1755 (ZACK, 2009); nas últimas décadas o tema tem sido retomado em perspectivas interdisciplinares, especialmente a partir de eventos catastróficos como o furacão Katrina e mais recentemente a pandemia global do vírus covid-19, a gerar situações inusitadas em muitos países (ZACK, 2009, JOBGES et al., 2020). O objetivo do presente artigo é discutir as possíveis contribuições da filosofia ética no arcabouço de contribuições para o estabelecimento de protocolos de princípios para situações de risco nos quais recursos escassos necessitam ser de modo justo distribuídos. Teremos como autores de referência a filósofa norte-americana Naomi Zack (1944-), autora de *Ethics for disaster* e o sociólogo alemão Ulrich Beck (1944-2015), que ganhou grande projeção a partir de seu livro *Sociedade de Risco*, publicado originalmente em 1986, mesmo ano no qual ocorreu o acidente nuclear de Chernobil, na então Ucrânia Soviética. Temos como objetivo secundário estabelecer o diálogo entre ambos os pensadores, uma vez que pertencem a mesma geração e de Beck ser um dos referenciais teóricos citados por Zack no livro acima referido. Na próxima seção apresentaremos em termos comparativos os conceitos de risco e desastre, na perspectiva das éticas (para desastres) para as Ciências Sociais, a Ciências Humanas e a área médica, com repercussões em outros setores como a assistência social.

DESASTRE: CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A sociedade moderna tem sido marcada por vários eventos aos quais poderíamos denominar de *catastróficos*. Nesta categoria se encontram tanto aqueles produzidos pelo ser humano, como o ataque as *torres gêmeas* de Nova York ou os acidentes nucleares de *Chernobil* e *Fukushima*. Incluímos na categoria desastre os eventos cujas causas independem de modo direto da ação humana, como o caso dos terremotos ou furacões. Naomi Zack os contempla, embora chame a atenção da necessidade de uma definição mais precisa, como ponto de partida para podermos pensa-los na perspectiva de suas implicações éticas. Neste sentido, percebemos que a autora toma como ponto de partida da sua reflexão os acontecimentos que se seguirão a passagem do furacão *Katrina* que atingiu de maneira mais significativa a cidade de Nova Orleans no ano de 2005. A autora também relata um grave terremoto que acometeu o Oregon no mesmo período (ZACK,

2009). Com base nestes acontecimentos elaborou um curso denominado *The Philosophy of Disaster and Emergency Response*, ou seja: a filosofia do desastre e resposta de emergência. Situamos a mesma na circunscrição da ética aplicada, que pondera situações reais e ante as possibilidades pondera a determinação do agir. Antes de adentrarmos nesta problematização buscaremos definir alguns termos relevantes, a começar pela definição de desastre que pode ser definido nos seguintes termos:

According to Red Cross/Red Crescent, 'disasters are exceptional events which suddenly kill or injure large numbers of people'. The Center for Research on the Epidemiology of Disasters (CRED) in Brussels, Belgium, uses this definition: 'A disaster is a situation or event which overwhelms local capacity, necessitating a request to a national or international level for external assistance'. CRED's stipulation that disasters require external assistance expresses the perspective of policy makers, emergency practitioners, and others who design and implement disaster assistance. The cost to affected individuals and the disruptions to their normal lives, as well as their responsibility before and after being affected by disaster, provide different perspectives. Indeed, once the psychic dimensions of disasters are considered, it becomes evident that the official definitions of disaster are somewhat superficial" (ZACK, 2009, p. 4).

Nesta definição ampla podemos destacar três elementos: (1) a *excepcionalidade* do evento que repentinamente atinge um grande número de pessoas, (2) a *insuficiência dos meios locais* de lidar com a situação, exigindo auxílio externo, (3) os *efeitos de longo prazo* causado na vida dos indivíduos, a ruptura com seu modo de vida e danos psíquicos. Com base nestes termos somos capazes de diferenciar os eventos que distribuem suas vítimas ao longo do tempo daqueles que de modo repentino atinge a sociedade. A necessidade de ajuda externa é um fator preponderante como resposta aos eventos catastróficos, sejam eles no âmbito dos eventos naturais ou causados pelo ser humano. No entanto, nem sempre, a distribuição destes recursos de assistência ocorre dentro de critérios justos ou equânimes. Desde aqui começamos a adentrar no campo da ética. Uma vez que muitas catástrofes não podem ser evitadas, mas o comportamento individual e das coletividades devem ser ponderados. Em nossa leitura da obra de Zack, entendemos que cabe ao filósofo uma atuação interdisciplinar com outros profissionais no estabelecimento de protocolos, códigos de conduta e formalização de princípios que contribuam desde a preparação prévia ante a possibilidade de eventos catastróficos até a padronização de condutas em parâmetros de justiça em tais situações.

Um dos tópicos de maior relevância encontrado na Ética para desastres diz respeito a distribuição de recursos em situações em que estes são escassos, isto é, não podem ser disponibilizados ao mesmo tempo a todos que os demandam. Na situação atual que vivemos, ante o quadro da primeira pandemia global persistente do terceiro milênio (Covid-19), foi observado em muitos países a insuficiência de recursos vitais, como leitos,

respiradores ou medicamentos. Portanto este caso *teórico* não é em nossos dias uma mera abstração ou hipótese, diz respeito a dilemas relevantes e atuais. A autora esclarece os marcos importantes na distribuição do atendimento médico em situações emergenciais. Destacamos dois deles, o primeiro relativo a uma categorização geral dos pacientes. O primeiro se refere a uma tripla divisão categorial, segundo a qual: *“The medical screening of patients to determine their priority for treatment, the separation of a large number of casualties, in military or civilian disaster medical care, into three groups: those who cannot be expected to survive even with treatment, those who will recover without treatment, and the priority group of those who need treatment in order to survive”* (WINSLOW, apud ZACK, 2009, p. 14). Como vimos acima, as três categorias que Gerald Winslow propõe são (1) os pacientes sem chance de sobrevivência com tratamento, (2) o grupo que requer tratamento e (3) os grupos prioritários, que necessitam de atendimento em ordem de sobrevivência. Este último grupo, o entendemos como aqueles que necessitam de cuidados imediatos. Já as convenções de Genebra (1949) estabeleceram que: *“Only urgent medical reasons will authorize priority in the order of treatment to be administered”* (ZACK, 2009, p. 15). Observamos um sutil, mas relevante contraste entre ambos os critérios. Pois, há sempre uma difícil definição no que diz respeito a certeza em relação a quem irá sobreviver a determinadas fragilidades, danos ou doenças. Neste segundo caso, o critério de *urgência* (*urgent medical reasons*), ou razões médicas de urgência, suplantariam as medidas probabilísticas de sobrevivência observadas no primeiro protocolo proposto por Winslow. Observamos que a construção interdisciplinar neste caso é indispensável (KARA; KHOO, 2020). A autora salienta que o estabelecimento de parâmetros éticos mínimos, são de suma importância em tais casos, denomina estas medidas de *lifeboat* (ética salva vidas). Entendemos que sendo uma pensadora norte-americana, não podemos descartar considerações utilitaristas, voltada ao benefício do maior número possível (BENTHAM, 1984).

RISCO E DESASTRE

Em *Sociedade de risco*, Ulrich Beck problematiza a questão do risco ambiental a partir de um modelo de sociedade *moderna*, que devido as características do modelo urbano industrial cria situações que poderiam ser evitadas. O autor destaca os danos causados ao meio ambiente, a gradual destruição da fauna e flora, a contaminação dos solos, do ar e dos recursos hídricos e de como todos estes fatores tendem a efeitos danosos imprevisíveis. Sua perspectiva eurocêntrica considera a Europa Ocidental como uma região do mundo que criou, por seu desenvolvimento econômico e políticas sociais uma zona denominada “sociedade pós-escassez”, na qual as necessidades mínimas para a dignidade humana

são atendidas. No entanto, o alto custo do dano ecológico coloca em risco as gerações futuras. Em sua perspectiva abrangente o autor percebe que a sociedade global caminha como a alegoria de um *carro de Jagradá*, usado em procissões na Índia, sendo carregado por uma multidão, mas cujo rumo é sempre incerto. Outro conceito relevante empregado pelo pensador germânico é o *efeito bumerangue*, segundo a qual os efeitos danosos produzidos nas sociedades pós-escassez não as eximem dos efeitos danosos criados. O risco ambiental não reconhece fronteiras. Embora haja no mundo uma distribuição desigual da riqueza, o risco acomete a todos (BECK, 2010). Destacamos que para Beck a ciência possui um papel relevante na perspectiva de que é o desenvolvimento técnico científico aliado a sociedade de consumo que produz o risco, são também os próprios cientistas que os identificam e nela se encontra uma parte da resolução dos problemas gerados (BECK, 2010). Como sociólogo, identifica nas ações humanas a causa das situações de risco, seus efeitos e os desastres desencadeados, dá-nos um exemplo que relaciona o Brasil como cenário de uma situação peculiar, com sérios efeitos danosos a saúde das pessoas expostas. Uma situação, segundo o autor, na qual “*À pobreza do terceiro mundo, soma-se o horror das impetuosas forças destrutivas da avançada indústria do risco*” (BECK, 2010, p. 51), referindo-se a Vila Parisi, em Cubatão, município conhecido então pelos altos índices de poluição ambiental e doenças relacionadas. A perspectiva sociológica do autor enfatiza, o quanto “*as ameaças ao solo, à flora, ao ar, à água e à fauna*” (BECK, 2010, p. 36) se voltam sobre a saúde humana, expondo assim as populações em geral a desnecessárias situações de risco. Enfatiza o autor “*A miséria é hierárquica, o smog é democrático*” (BECK, 2010). “*Smog*” é um termo em inglês que significa fumaça. Neste caso, enfatiza o sociólogo alemão, que os riscos e danos ambientais não reconhecem classes sociais e mesmo fronteiras nacionais, pois todos estamos expostos.

Nas seções anteriores estudamos duas perspectivas acerca das questões de risco e desastre. Na visão da sociologia do risco de Beck, notamos a questão do risco delimitada ao campo ambiental e aos riscos que a humanidade cria para si mesmo, tendo em vista o modelo de desenvolvimento vigente (modernidade). Quando o subtítulo do livro do autor se refere “*Rumo a uma outra modernidade*”, entendemos que os riscos também são socialmente escolhidos e construídos, por isso mesmo podem ser alterados ou mesmo removidos. Sendo, que para ele muitas das catástrofes contemporâneas se materializaram tendo em vista o modelo de civilização no qual vivemos.

Naomi Zack, utiliza os conceitos estabelecidos por Beck, tais como *desastre* e *risco*, cita-o como referencial relevante, mas amplia o uso destes conceitos em categorias abrangentes nas quais enfatiza os riscos como fatores imprevistos causados por fatores naturais repentinos, tais como furacões ou terremotos (ZACK, 2009). Atualmente, podemos

revisitar a autora para pensar o fenômeno atual do covid-19, a primeira pandemia de alto impacto do século vinte e um e a complexidade do tema dos protocolos éticos no atendimento as vítimas da atual catástrofe, uma vez que não há protocolos globais unificados para tais situações (JOBGES et al., 2020, EMANUEL, et al., 2020).

Ao compararmos os pontos de vista de Beck e Zack, notamos que o primeiro circunscreve as situações de risco ao campo da ecologia humana, dos efeitos danosos culturalmente construídos e que se voltam contra o próprio homem, enquanto a pensadora estadunidense aplica sua reflexão aos riscos imprevistos causados pela natureza, os quais independem da nossa intervenção. Enquanto Beck equaliza os riscos, na universalidade da sua distribuição, pois todos compartilhamos um mesmo mundo, Zack enfatiza as implicações éticas da desigual distribuição de recursos em tempos de escassez emergencial.

O diálogo interdisciplinar demonstrou ser profícuo fornecendo elementos para refletirmos a realidade atual. Embora não esgote o tema, julgamos indispensável ampliar o debate acerca dos protocolos éticos necessários para situações emergenciais. A autora emprega o termo *lifeboat* (bote salva-vidas), como uma metáfora para as regras criadas em situações de emergência que visam estabelecer parâmetros mínimos de justiça como equidade de acesso a atendimento e recursos. No entanto, a obra de Beck data de 1986 e a de Zack de 2009, em 2020 seria de esperar que o campo científico e filosófico já tivesse avançado na universalização de parâmetros justos e equânimes para situações imprevistas, que por analogia e similaridade a eventos anteriores abundantes e no vasto arcabouço da ética tivessem ao menos parâmetros de princípios gerais a guiar governos e profissionais envolvidos. O consenso começa a se formar em torno do acesso prioritário por critérios médicos de acordo com o maior risco e independente de qualquer outro parâmetro (ZACK, 2009, JOBGES et al., 2020).

No caso da atual pandemia de Covid-19, encontramos uma situação limítrofe na qual a eclosão de uma doença contagiosa pode emergir da natureza, mas sua propagação, controle e tratamento tornaram-se atos situados no campo das ciências do espírito (*geistwissenschaft*), portanto, mediada pelo comportamento dos indivíduos, escolhas políticas e implicações éticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso excepcional da pandemia mundial de Covid-19, foi um fenômeno que tomou de surpresa e sem prevenção os sistemas de saúde ao redor do mundo. Não obstante todo o quadro de carência e desigualdades verificado globalmente, mesmo em países ricos como os Estados Unidos e as nações da Europa, uma questão relevante se manifestou sob o ponto de vista filosófico e das relações éticas: *quais os critérios justos*

para a distribuição de recursos indispensáveis a vida humana em tempos de escassez e emergência. Este tema, de maior interesse, toma conotação de pessoalidade, uma vez que qualquer um pode se tornar uma vítima em potencial e necessitar acesso aos sistemas de saúde. Enquanto o sociólogo alemão, Ulrich Beck, nos aponta acerca do caráter de *risco*, inerente as civilizações modernas e aos fenômenos tecnológicos e do desenvolvimento desenfreado do capitalismo, sua tese é válida como alerta, a elencar elementos relevantes para pensar o mundo atual. Em primeiro lugar, lembra que apesar de todo o quadro de desenvolvimento verificado nas sociedades situadas ao centro da economia mundial, que graças as políticas públicas e de assistência social, desencadeadas após a última grande guerra mundial, conhecidas em seu conjunto como *estado de bem-estar social*, tais padrões de desenvolvimento, não exclui a possibilidade de eventos para além da escassez básica de recursos mínimos. No caso, destacado pelo autor, tais como as das sociedades capitalistas avançadas da Europa, que conseguiu superar a fome em massa, que ciclicamente assolava o velho-mundo. Esta relativa estabilidade não priva a sociedade contemporânea de riscos imprevistos, tais como o que ocorreu na Ucrânia, na década de 1980, assolada pelo acidente nuclear de Chernobil (BECK, 2010). Uma das alegorias que destaca em sua obra *Sociedade de risco*, diz respeito a um festival indiano, no qual um carro, ou torre, é carregada por vários participantes, que o conduzem pelas ruas, sem saber ao certo que rumo o mesmo irá tomar, pois são muitos os atores envolvidos, deixando grande margem para incertezas. Assim são os tempos atuais. Não sabemos ou podemos prever os acontecimentos que irão por vir. Mesmo no quadro de incertezas, podemos e devemos estabelecer quadros de referências para as ações e atendimentos relativos a distribuição de recursos em situações de emergência. Diferente do quadro geral de aleatoriedade, o caso da presente pandemia mundial, exigiu critérios, que em muitos casos fizeram a diferença entre a vida e a morte, para os pacientes necessitados de atendimento. Por se tratar de um fenômeno recente e em curso, verificamos a ausência de quadros e protocolos de ação a nortear as ações dos diferentes profissionais envolvidos, desde os agentes públicos, as escolhas políticas dos governantes até a linha de frente que atua em contato direto aos necessitados, tais como médicos e enfermeiros.

Verificamos, que dentre os autores que nos tempos mais recentes se dedicaram ao tema das relações pandêmicas e emergências catastróficas está a obra de Naomi Zack, pensadora estadunidense que se apropria dos conceitos de Ulrich Beck, como *desastre* e *risco*, verificando o quanto seu constructo teórico ainda é atual. Embora os fenômenos citados pela autora tenham relação com outros tipos de acidentes naturais, tais como os terremotos ou ainda os frequentes furacões que visitam o território do seu país, sob o ponto de vista filosófico, há contributos éticos que podem ser transpostos para outras

situações (ZACK, 2009). Dentre as conclusões verificadas pela autora está a necessidade do estabelecimento de princípios gerais justos na distribuição de recursos aos que deles dependem, sejam indivíduos ou nações (EMANUEL, et al., 2020). No caso brasileiro, da atual pandemia, que já nos toma dois anos e três ondas severas, verificamos o quanto estados produtores de vacina, como São Paulo, estão à frente na execução de programas vacinais, enquanto outras regiões do país, sofrerem por falta até mesmo de respiradores em suas enfermarias. Notamos também a disputa entre os pontos de vista técnico e político, que não excluiu, no início da primeira onda, posições anticientíficas, tais como a tentativa de negar a relevância do quadro pandêmico.

Quando comparamos o ponto de vista dos diferentes pensadores acerca das questões de risco, escassez e catástrofe, tais como dos pensadores elencados, percebemos o quadro teórico de referência diferenciado. Enquanto Ulrich Beck reforça o quadro de uma *ecologia humana*, de acordo com tradições consolidadas do pensamento europeu, Zack, chama a atenção para a problemática ética envolvida em base em casos reais. Uma vez que, seu país havia pouco tempo sido atingido por um grande furacão (*Katrina*), que impactou especialmente o Sul dos Estados Unidos. Estes dois quadros de teorias se mostram complementares e não contraditórios. Somando em suas contribuições para pensarmos casos e situações imprevistas. Fazemos uma ressalva aqui, para lembrar o quanto nosso próprio país (Brasil) está sujeito a diversos eventos que de modo repetitivo o acometem: enchentes, tempestades, ciclones deslizamentos de terra e de barragens, como as verificadas no Vale do Rio Doce ou nos dias que correm no Estado de Pernambuco.

Naomi Zack, em sua obra *Ética para Desastres*, em uma tradução livre, chama a atenção de que é necessário estar preparado, ao menos no quadro dos valores e princípios para situações inesperadas. Usa o termo *ética salva vidas*, visando estabelecer princípios mínimos para casos extremos. Esta proposição, faz-nos recordar o quadro de uma ética provisória ao sabor do pensamento cartesiano. Seu propósito: reduzir danos e aumentar a probabilidade de sobrevivência aos necessitados e usuário dos serviços que podem ser de diversos tipos. Este artigo abarca uma longa linha do tempo. Zack relembra o terremoto de Lisboa, um evento catastrófico que causou milhares de vítimas na capital portuguesa, no ano de 1755. Este acontecimento, motivou a reflexão e o posicionamento de muitos pensadores, tais como Victor Immanuel Kant, a refletir sobre as implicações filosóficas e mesmo teológicas do fato. Do mesmo modo, Ulrich Beck, foi de especial relevância para pensar o acidente ucraniano, que espalhou uma onda da radioatividade pela Europa. No caso de Naomi Zack, que em seu livro de 2009, reflete sobre os efeitos do furacão Katrina sobre as populações atingidas, e o descaso inicial do governo em relação, tanto as regiões geográficas e cidades envolvidas, como nos indivíduos, que se tornaram em alguns casos,

desempregados, desabrigados, traumatizados por ele. A pandemia atual, que se desdobra mundialmente desde 2020 até o ano em que estamos (2022), assolou países ricos e pobres, atingiu classes sociais de diferentes escopos. Seus efeitos não se restringem a área de saúde ou a um momento pontual no tempo. Uma vez que, em primeiro lugar: houve efeitos transversais, que afligem não somente os acometidos pela doença ou o quadro dos obituários, os sobreviventes, familiares, órfãos, círculos sociais e relações econômicas se ressentem e continuam a sofrer de efeitos psicológicos, emocionais e financeiros em um drama humano de efeito prolongado. Remédios e vacinas, se mostram insuficientes para este efeito colateral abrangente.

Ao longo dos estudos e leituras realizados, percebemos o quanto, as situações reais, mesmo inesperadas e desagradáveis, como no caso dos eventos catastróficos, podem ser motivadoras ao campo teórico para pensar e refletir ao menos o pouco da realidade que está sobre nosso controle: o modo como reagiremos aos fenômenos inesperados e a decisão de empenho e ação justa em tais momentos. Notamos, ainda, que na ausência de regras claras para nortear as ações profissionais, políticas e dos servidores médicos e de assistência, um parâmetro mínimo de regras a valorizar a vida, como valor maior, se faz uma emergência inescapável. Esta doença, trágica em seus efeitos, deve deixar ao menos o legado da atenção e do aprimoramento dos quadros axiológicos, dos valores humanos, que devem imperar acima dos interesses econômicos, das situações de classe, idade ou qualquer outro critério, a não ser a vida e a necessidade. Embora os autores estudados não apresentem soluções definitivas para a questão ou dilemas morais apresentados, certo é: a prudência e a preparação para o inesperado são chamamentos racionais não circunscritos a somente um segmento social. Afinal, nestes casos incertos, todos são agentes, vítimas em potencial ou potencialmente afetados (ZACK, 2009, JOBGES et al., 2020).

Para finalizar nossa reflexão, recordamos uma das contribuições de um dos mais expressivos pensadores do iluminismo, o filósofo de Königsberg, Kant. Em se tratando de questões inerentemente humanas, podemos ter em mente dois quadros: (a) o que de nós não depende e não podemos mudar e (b) o modo como agimos ou reagimos as situações que fogem ao nosso controle ou vontade. No primeiro caso temos a antropologia fisiológica, como ocorre com as doenças que não podemos escolher. No segundo temos a antropologia pragmática, que diz respeito ao modo correto como devemos agir ante estes eventos, nem sempre escolhidos ou de natureza agradável. A reflexão até aqui desenvolvida chama a atenção a este segundo ponto. A necessidade de uma reflexão mais ampla, acerca dos eventos correntes, o imperativo de sermos éticos e criteriosos nos casos em questão e sobretudo, a obviedade da reflexão interdisciplinar, com base nas experiências e das vidas perdidas e envolvidas. Uma vez que os efeitos de eventos catastróficos são inerentemente

transversais, abrangentes e se repercutem para muito além do escopo do momento em que ocorrem, somente o diálogo entre sociedade e os profissionais envolvidos poderá apontar ao menos caminhos éticos, a preservar a dignidade e a legitimidade das escolhas nem sempre fáceis, no caso em específico da distribuição justa aceitável de recursos escassos em tempos pandêmicos. Como conclusão final, assinalamos o quanto nenhuma nação está totalmente preparada para situações excepcionais. Vivemos em uma era do risco, como assinalou Beck, o que evoca a necessidade de maior colaboração sinérgica entre os países e diferentes regiões de uma mesma sociedade. Chamam isso de governança global. Um modo de gestão do risco, para que em colaboração os agentes maximizem suas possibilidades de sobrevivência ao inesperado.

REFERÊNCIAS

BENTHAM, J. **Uma introdução aos princípios da Moral e da legislação**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: rumo a uma nova modernidade. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

EMANUEL E. J. et al. Alocação justa de recursos médicos escassos na época do COVID-19. **Engl J Med**. 382 (21), 2020.

JOBGES, Susanne et al. Recommendations on Covid-19 triage: international comparison and ethical analysis. **Bioethics**, n. 34, p. 948-959.

KARA, Helen; KHOO, S. **Researching in the age of Covid-19**. Vol. 3. Bristol: Bristol University Press, 2020.

ZACK, Naomi. **Ethics for Disaster**. New York: Rowan & Littlefield, 2009.

Atena
Editora
Ano 2022



GRUPO DE PESQUISA EM
GÊNERO, ÉTICA,
EDUCAÇÃO E POLÍTICA



programa de pós-graduação
em políticas públicas

Mestrado Profissional
Universidade Federal do Pampa - campus São Borja



Atena
Editora
Ano 2022



GRUPO DE PESQUISA EM
GÊNERO, ÉTICA,
EDUCAÇÃO E POLÍTICA



programa de pós-graduação
em políticas públicas

Mestrado Profissional
Universidade Federal do Pampa - campus São Borja

